

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE DE EDUCAÇÃO CONTINUADA**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA DE CASAL E FAMÍLIA**

**CAMILA CERON DAMIANI**

**A AUSÊNCIA FÍSICA E AFETIVA DO PAI NA PERCEPÇÃO DOS FILHOS ADULTOS**

**PATRÍCIA MANOZZO COLOSSI**

**SÃO LEOPOLDO**

**DEZEMBRO**

**2014**

**CAMILA CERON DAMIANI**

**A AUSÊNCIA FÍSICA E AFETIVA DO PAI NA PERCEPÇÃO DOS FILHOS ADULTOS**

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do Grau de Especialista em Terapia de Casal e Família.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. PATRÍCIA MANOZZO COLOSSI

**SÃO LEOPOLDO**  
**DEZEMBRO**  
**2014**

## RESUMO

### A AUSÊNCIA FÍSICA E AFETIVA DO PAI NA PERCEPÇÃO DOS FILHOS ADULTOS

A ausência paterna é uma temática ainda pouco estudada no âmbito acadêmico nacional, apesar de repercutir no desenvolvimento afetivo, cognitivo e social de crianças e adolescentes. Importantes repercussões dessa ausência ocorrem também no funcionamento familiar. Neste sentido, este trabalho busca investigar a ausência paterna física e afetiva para além da infância e adolescência, abordando a percepção de filhos adultos sobre este aspecto, mais especificamente, identificando sentimentos e vivências dos adultos a respeito dessa condição em seu momento de vida atual. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória tendo participado do estudo quatro adultos com idade entre 25 a 40 anos, pacientes de psicólogos, de uma Clínica de Psicologia situada em Caxias do Sul/RS. Todos têm em comum a percepção de ausência paterna, seja ela de origem física ou afetiva como algo que continua trazendo reflexos na vida adulta. Foi utilizado como instrumentos um questionário de dados sociodemográficos e uma entrevista semiestruturada, e a análise qualitativa de conteúdo para a discussão dos dados. Para isso foi realizada uma revisão da literatura a respeito da ausência paterna durante o desenvolvimento da criança e do adolescente com o objetivo de compreender melhor o tema. Dentre os principais resultados destaca-se o impacto desse distanciamento, seja ele físico e/ou afetivo, refletido em sentimentos de desvalorização, abandono, solidão, insegurança, baixa estima e dificuldades de relacionamento que começam a ser percebidos na infância e continuam interferindo na trajetória de desenvolvimento na idade adulta.

**Palavras-chave: paternidade; relações pai-filho; relações familiares; parentalidade.**

## **ABSTRACT**

### **THE FATHER'S PHYSICAL AND EMOTIONAL ANSENCE IN THE PERCEPTION OF ADULT OFFSPRING**

Paternal absence is a subject not well known in the national academic scope, despite influencing children's and teenagers' affective, cognitive and social development. Important repercussions of this absence also occur in family functioning. Thus, this work investigates the paternal's physical and emotional absence beyond childhood and adolescence, addressing adults offspring's perception about this aspect, more specifically, identifying adults' feelings and experiences on this condition nowadays. Four adults ranging 25 to 40 years old, patients of psychologists who work in a psychology clinic, located in Caxias do Sul / RS, were part of this qualitative study of exploratory nature. All of them have in common the perception of paternal absence, with origin both physical and emotional, as something that continues to bring repercussion in adulthood. A semi-structured interview and the qualitative analysis of content for the discussion of data were used as instruments. To this, a literature review was conducted regarding the paternal absence during the development of children and adolescents in order to better understand the topic. Among the main results, it is highlighted the impact of this distance, being it physical and/or emotional, reflected in feelings of devaluation, abandonment, loneliness, insecurity, low self-esteem and difficulties in relationships which begin to be perceived in childhood and continue interfering in the development trajectory in the adulthood.

**Key-words:** paternity; parent-child relationships; family relationships; parenting.

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Perfil dos Entrevistados ..... 16

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>9</b>
<b>2.1. A Ausência Paterna na Infância</b> .....	<b>9</b>
<b>2.2. A Ausência Paterna na Adolescência</b> .....	<b>10</b>
<b>3. MÉTODO</b> .....	<b>13</b>
<b>3.1. Delineamento</b> .....	<b>13</b>
<b>3.2. Participantes</b> .....	<b>13</b>
<b>3.3. Instrumentos</b> .....	<b>13</b>
<b>3.4. Procedimentos de coleta de dados</b> .....	<b>14</b>
<b>3.5. Procedimentos de análise de dados</b> .....	<b>14</b>
<b>3.6. Procedimentos éticos</b> .....	<b>15</b>
<b>4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>16</b>
<b>4.1. Categoria 1: Consequências Da Ausência Paterna na Vida Adulta</b> .....	<b>16</b>
<b>4.2. Categoria 2: Ausência Física X Ausência Afetiva</b> .....	<b>20</b>
<b>4.3. Categoria 3: Figura Substituta</b> .....	<b>22</b>
<b>4.4. Categoria 4: Questões Transgeracionais da Ausência Paterna</b> .....	<b>24</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>27</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>29</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas as teorias psicológicas têm demonstrado a importância da figura paterna no desenvolvimento infantil e do adolescente. O conceito de ausência paterna é de difícil definição, sendo usado para referir diferentes situações. Pode ocorrer nos casos de divórcio dos pais, mesmo quando o pai oferece suporte material e emocional à mãe, servindo de modelo de autoridade aos filhos, porém distante afetivamente deles. De modo semelhante, a ausência paterna pode ocorrer independente do status conjugal dos pais, mas quando existe distância emocional entre pai e filho, embora o pai possa estar fisicamente presente (CORNEAU, 1991).

Eizirik e Bergmann (2004) afirmam que a ausência paterna tem potencial para gerar conflitos no desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança, bem como influenciar o estabelecimento de transtornos de comportamento. Desde as últimas décadas, a ausência paterna têm sido estudada com ênfase na infância, abordando suas consequências para o desenvolvimento infantil (EIZIRIK e BERGMANN; FERRARI, 1999; BLACK, DUBOWITZ e STARR, 1999; BENCZIK, 2011). Os problemas comportamentais apresentados na pré-escola, decorrentes da ausência paterna, podem acarretar uma variedade de resultados negativos incluindo baixo desempenho escolar, aumento de ausência nas aulas, risco aumentado de envolvimento com drogas, pouco relacionamento com os pares, depressão, ansiedade, labilidade emocional e a externalização de comportamentos-problemas (CIA, WILLIAMS e AIELLO, 2005).

Em relação à adolescência, as pesquisas têm evidenciado o quanto a ausência do genitor ou a existência de uma relação pouco harmônica entre pai e filho pode ser considerada um fator de risco para o desenvolvimento psicológico, cognitivo e até mesmo social deste último (EIZIRIK e BERGMANN, 2004). Tal falta poderia se manifestar de diversas maneiras, estando relacionada, em alguma medida, a uma maior propensão para o envolvimento com a delinquência (MUZA, 1998). Neste sentido, estudos tem relacionado à ausência paterna com a criminalidade e o desenvolvimento de jovens infratores (SGANZERLA LEVANDOWSKI, 2010; FEIJÓ e ASSIS, 2004; BRANCO, WAGNER e DEMARCHI, 2007; RABELO, 2007).

Deste modo, a literatura apresenta estudos de diferentes métodos e delineamentos acerca das relações entre a ausência paterna e o desenvolvimento de crianças e adolescentes (ARAÚJO, 2005; CIA, WILLIAMS e AIELLO, 2005). Contudo, são escassas as investigações acerca do tema relacionando, em alguma medida, com filhos adultos, como se a ausência vivenciada na infância e na adolescência se dissipasse na vida adulta. Em contexto nacional, os estudos são raros, destacando a lacuna de literatura e a relevância de realização de investigações com este enfoque.

Considerando as diferentes fases do desenvolvimento, o estudo de Gomes e Resende (2004) destaca que, independente da organização da família, os pais têm hoje a sua importância reconhecida ao longo do processo de desenvolvimento dos filhos. É essa presença que facilitará a afirmação de si, o desenvolvimento da capacidade de se defender e de explorar o ambiente, entre outras demandas necessárias ao desenvolvimento.

Dessa forma, destaca-se a importância de realizar estudos longitudinais para além da adolescência, a fim de melhor compreender como a condição da ausência paterna interfere na trajetória de desenvolvimento na idade adulta. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é investigar a percepção de filhos adultos sobre a ausência física e afetiva do pai a partir da teoria sistêmica da família. Esse estudo se mostra pertinente, considerando a escassez de publicações, de modo especial no contexto nacional. Com isso, espera-se contribuir para a elaboração de práticas preventivas junto às famílias e oferecer maiores possibilidades de compreensão dos pacientes em psicoterapia.

## **2. REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1. A Ausência Paterna na Infância**

A família, como um sistema diretamente ligado aos processos de transformação histórica, cultural e social vem sofrendo modificações na sua composição e dinâmica. Petrini (2005) aponta como uma das consequências dessa modificação, a decadência do patriarcado, que deu lugar a uma maior igualdade na partilha de tarefas e responsabilidades entre os membros da família. Dessa forma, constata-se a co-existência de diferentes configurações familiares, já que famílias nucleares composta de pai, mãe e filhos co-existem com modelos de famílias uniparentais, homoafetivas, formadas por recasamento, entre outras possibilidades (ROUDINESCO, 2003).

Para Gomes e Resende (2004), em décadas passadas, o homem encontrava dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Foi, por muito tempo, apoiado pela cultura patriarcal, que reservou-lhe lugar acima da trama doméstica formada principalmente pela mulher e pelas crianças. Porém, esse cenário vem se modificando progressivamente, apresentando sociedade e família como núcleos indissociáveis.

Atualmente, é comum encontrar famílias nas quais os cônjuges têm suas trajetórias profissionais e dividem as tarefas domésticas e educativas (WAGNER, PREDEBON, MOSMANN e VERZA, 2005), sem contar as famílias em que as mulheres são as principais provedoras econômicas (FLECK e WAGNER, 2003). Essa variação de dinâmicas e configurações familiares, inevitavelmente, repercute no desempenho dos papéis parentais (DINIZ NETO e FÉRES-CARNEIRO, 2005).

Compreende-se que as diversas razões da ausência paterna como, por exemplo, o falecimento do pai, o afastamento decorrente de separação conjugal, a ausência derivada da atividade laboral ou uma ausência emocional de um pai fisicamente presente podem ser percebidas pelos filhos de formas diferentes. E o modo como um filho percebe a ausência paterna implicará em diferentes repercussões em seu desenvolvimento, embora essas em geral possam ser negativas quando se reconhece a importância do pai no desenvolvimento de crianças e adolescentes. (SGANZERLA e LEVANDOWSKI, 2010).

A literatura aponta que a participação efetiva do pai na vida de um filho promove segurança, autoestima, independência e estabilidade emocional. Segundo Lebovici (1987), se a criança consegue contar com pais afetivos que lhe proporcionem apoio, conforto e proteção ela consegue desenvolver estruturas psíquicas suficientemente fortes e seguras para enfrentar as dificuldades da vida.

Entretanto, o mesmo autor (1987) aponta para as consequências da situação inversa, em que a criança vive com a privação paterna, seja de ordem física ou afetiva, podendo ter problemas no seu desenvolvimento, sendo este um fator de risco para o seu desenvolvimento. O núcleo de confiança dessa criança ficaria esvaziado deixando prejudicadas as relações com outros semelhantes.

Aberastury (1991) afirma que o contato corporal entre o bebê e o pai é referência na organização psíquica da criança, devido à sua função estruturante para o desenvolvimento do ego. No segundo ano de vida da criança, a figura paterna já ficaria mais acentuada e teria a função de apoiar o desenvolvimento social da criança, auxiliando-a nas dificuldades peculiares deste período.

O pai também é importante para que a criança elabore a perda da relação inicial com a mãe, já que ele representa, ainda, um princípio de realidade e de ordem na família, o que faz com que a criança sinta que não é a única a compartilhar a atenção da mãe (MUZA, 1998). A pesquisa de Benczik (2011) refere ainda que as crianças que têm o pai presente apresentam nível de autoestima superior àquelas que têm pai ausente e que a presença da figura paterna ajuda a afastar uma série de transtornos psicológicos.

Na mesma direção, Corneau (1991) refere que as crianças que sentem o pai próximo e presente sentem-se mais seguras em seus estudos, na escolha de uma profissão e na tomada de decisões pessoais. Além disso, essa presença poderá facilitar a passagem da criança para a sociedade sentindo maior capacidade de se defender e de explorar o ambiente.

## **2.2. A Ausência Paterna na Adolescência**

Ao chegar à adolescência, o sujeito vivencia novas experiências e demandas em relação ao próprio desenvolvimento. A necessidade de maior proteção e cuidado,

características da infância, dá lugar à necessidade de busca de autonomia e afirmação da própria identidade, tarefas que podem se tornar mais ou menos ansiogênicas, conforme os vínculos afetivos estabelecidos com figuras de importância na vida do adolescente. Neste sentido, considerando a relevância da participação paterna neste processo, Felzenswalb (2003) identificou o afastamento afetivo do pai como promotor de padrões de interação disfuncionais, em que é possível observar o prejuízo na conquista da autonomia dos filhos e no seu processo de separação da mãe. Além disso, o mesmo autor refere que a quebra do vínculo afetivo e da convivência com o pai parece suscitar sentimentos de abandono, rejeição e culpa, colocando em risco a formação de novos vínculos.

Neste sentido, o estudo de Sganzerla e Levandowski (2010) ressalta que a situação familiar de ausência paterna prolongada/duradoura, seja ela física ou afetiva, pode se tornar um fator de risco em diversos aspectos do desenvolvimento do adolescente de ambos os sexos, tais como manifestações de comportamento delinquentes, porte de arma e embriaguez no contexto escolar além de amadurecimento físico precoce, maior probabilidade de uso de drogas e alto índice de obesidade.

Considerando a relevância da presença do pai, compreende-se que na adolescência, o pai precisa agir como facilitador de separações, impulsionando o filho a seguir adiante. E a partir deste momento, ele se oferece como um elemento importante e fundamental para a identificação, que antes era um papel restrito à mãe. Mas, para isso, o pai precisa querer fazer parte desta relação, adotando afetiva e efetivamente seus filhos; pois pais ausentes, muito autoritários ou muito distantes podem favorecer o aparecimento de problemas de personalidade nos adolescentes e também de dificuldades de interação (ARAÚJO, 2005).

Para Muza (1998), as crianças que chegam à adolescência privadas, de alguma forma, do convívio físico e afetivo com o pai podem enfrentar problemas de identificação sexual, além de dificuldades de reconhecer limites e de aprender regras de convivência social, o que estaria relacionado com a dificuldade de internalização de um pai simbólico, capaz de representar a instância moral do indivíduo. Winnicott (2000) refere a transgressão do adolescente como um gesto de esperança. Para este autor, o jovem espera que através dela possa ser "visto" pelo contexto familiar e social e, por vezes, cabe à justiça intervir neste espaço, constituindo para o adolescente, o limite que a família encontra dificuldade de

exercer.

Neste sentido, a pesquisa de Benczik (2011) evidencia que os filhos necessitam de apoio, segurança e o estabelecimento de valores que, naturalmente, cabe ao pai transmitir. O autor refere que os jovens procuram no próprio pai um modelo com o qual possam identificar-se e, se este está ausente, outros modelos poderão ocupar esse vazio, com maior possibilidade de não serem modelos positivos.

É importante salientar, ainda, o fato de que podem existir diferenças no impacto da ausência paterna para o desenvolvimento dos adolescentes, conforme os recursos emocionais individuais, o manejo dos membros da família e a presença de uma rede de apoio social com a qual eles possam contar, a fim de minimizar os efeitos adversos dessa condição familiar (SGANZERLA e LEVANDOWSKI, 2010). Nesse caso, é importante chamar a atenção para os aspectos relacionados à resiliência do sujeito, considerando o desenvolvimento de recursos pessoais e contextuais (BASTOS, ALCÂNTARA e FERREIRA-SANTOS, 2002). Quando o indivíduo lança mão desses recursos para enfrentar as adversidades apresentadas, destaca-se como fator de proteção para sua adaptação às exigências cotidianas. (SAPIENZA e PEDROMÔNICO, 2005). Soma-se a isso, ainda, os recursos emocionais da mãe e o tipo de relacionamento existente entre ela e filho, pois desta relação pode surgir uma maior ou menor predisposição para os conflitos associados à falta do pai (EIZIRIK e BERGMANN, 2004).

Neste sentido, ainda que existam estudos que investiguem, de alguma forma, a ausência paterna e suas repercussões na infância e adolescência (ARAÚJO, 2005; EIZIRIK e BERGMANN, 2004), lacunas na literatura são identificadas quando o foco de investigação recai sobre os efeitos da ausência paterna na vida adulta. Deste modo, o presente estudo vai além da infância e adolescência, abordando a percepção de filhos adultos sobre este aspecto, mais especificamente, identificando sentimentos e vivências dos adultos a respeito dessa condição em seu momento de vida atual.

### **3. MÉTODO**

#### **3.1. Delineamento**

A presente investigação trata-se de um estudo qualitativo de delineamento exploratório. De acordo com Rey (2002), a pesquisa qualitativa apresenta-se como um seguimento dialógico que implica tanto o pesquisador como as pessoas que são objetos da pesquisa, em sua condição de sujeitos do processo. Os métodos qualitativos voltam-se à exploração, ao descobrimento e à lógica indutiva. O pesquisador tenta dar sentido à situação, sem impor expectativas preexistentes sobre o fenômeno estudado, tentando entender as múltiplas inter-relações entre as dimensões que emergem dos dados. Além disso, há que se ressaltar que a pesquisa qualitativa favorece a compreensão dos significados da questão em estudo, possibilitando um maior aprofundamento, em detrimento da mensuração e da correlação entre variáveis (TURATO, 2005).

Por sua vez, a pesquisa exploratória tem por objetivo investigar, de modo a explorar a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto na qual ela se insere. (PIOVESAN e TEMPORINI, 1995).

#### **3.2. Participantes**

Participaram desta pesquisa quatro adultos, com idade entre 25 a 40 anos, sendo 1 mulher e 3 homens, pacientes de psicólogos da cidade de Caxias do Sul/RS, que tem em comum a percepção da ausência de seu pai em suas vidas, seja ela por serem filhos de mães solteiras, de pais separados ou mesmo de pais presentes fisicamente, mas distantes afetivamente. Foram excluídos filhos de pais falecidos, pois neste caso, a ausência paterna não é opcional. Os participantes foram selecionados por conveniência, a partir de indicações de profissionais psicólogos da rede de contatos da pesquisadora.

#### **3.3. Instrumentos**

Foram utilizados como instrumentos de investigação um questionário de dados sócio-demográficos e uma entrevista semiestruturada com o objetivo de investigar a

percepção de filhos adultos em relação à ausência física e afetiva do pai.

O questionário de dados sócio-demográficos possibilitou a identificação dos participantes e a descrição do contexto de vida em que estão inseridos. Já a entrevista semi-estruturada investigou a história de vida dos participantes e suas percepções acerca da relação parental. Victora (2000) ressalta a importância deste tipo de entrevista, por oportunizar o estabelecimento de uma aproximação com os participantes. Dado seu caráter aberto e objetivo exploratório, teve o propósito de proporcionar um espaço mais livre de escuta para que fossem coletadas informações acerca da relação dos participantes com seus pais. A entrevista foi realizada com o participante, em local por ele escolhido e durou cerca de aproximadamente uma hora.

#### **3.4. Procedimentos de coleta de dados**

Após indicação dos psicólogos da rede de contatos da pesquisadora, foi feito um contato telefônico a fim de fazer o primeiro contato e esclarecimentos acerca da pesquisa. Diante do interesse inicial, foi agendada a entrevista em local definido pelos participantes. Na data da entrevista foi feita a apresentação da pesquisa para os participantes, explicando os objetivos do estudo, seus procedimentos e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi solicitada a autorização dos participantes para a gravação das entrevistas, em áudio, para posterior transcrição e utilização do material. Após estes esclarecimentos e os participantes concordantes com a participação, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e teve início a coleta dos dados.

#### **3.5. Procedimentos de análise de dados**

A análise dos dados foi realizada qualitativamente, com base na análise de conteúdo (LAVILLE e DIONNE,1999), demonstrando a estrutura e os elementos do conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação.

### **3.6. Procedimentos éticos**

Este estudo foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS, tendo sido avaliado e aprovado (Parecer nº 714.568) . Todos os participantes tiveram suas identidades preservadas, foram esclarecidos sobre a pesquisa, procedimentos utilizados e a possibilidade de desistência. Mediante aceitação em participar da pesquisa, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Considerando que os participantes já encontram-se em processo psicoterápico, e sob cuidado psicológico profissional, os cuidados éticos em relação ao possível risco da participação na presente pesquisa já estão contemplados, garantindo a proteção dos participantes.

#### 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir, os resultados apresentados descrevem os participantes, identificados como A, B, C e D e seus respectivos dados.

**Tabela 1: Perfil dos Entrevistados**

Partici pante	Id ade	Sexo	Distanciamento
A	40	Masculino	Afetivo
B	31	Masculino	Afetivo
C	19	Masculino	Físico
D	25	Feminino	Físico

Fonte: elaborado pela autora

Os resultados da coleta de dados, provenientes das entrevistas, são apresentados a partir da análise de conteúdo das categorias analisadas, segundo Laville e Dionne (1999).

##### 4.1. Categoria 1: Consequências Da Ausência Paterna na Vida Adulta

Nessa categoria foram incluídas as percepções sobre como a ausência do pai interferiu na vida dos participantes. É possível perceber que todos acreditam que a ausência paterna interferiu de forma negativa em suas vidas e que a falta que sentiram e sentem até hoje continua repercutindo no seu momento de vida atual. Eles relatam uma série de sentimentos negativos como, por exemplo:

a) Desvalorização: *“E acho que tem uma coisa que eu sofro, que meu pai não acredita em mim, na minha profissão. Ele nem acreditava que eu ia ter família.”* (sic A). *“Foi na minha formatura, de muito mal gosto, e sentou lá atrás.”* (sic A).

b) Sentimentos de abandono: *“A separação deles foi no dia do meu aniversário, eu estava passando o aniversário na casa dos meus amigos quando meu pai apareceu lá e disse que estava se separando da minha mãe, daí eu tive que voltar para casa, ele disse que já tinha outra pessoa e estava esperando eu chegar na maioridade para tocar os negócios da casa”* (sic A). *“Nunca tive relação com meu pai. Sei quem é ele porque minha mãe me falou.”* (sic C).

*“Os meus avós paternos não gostaram e proibiram ele de me assumir, alegando que não era ele o pai”* (sic D).

c) Sentimentos de solidão: *“Tu não tinha um pai pra contar. Tu tinha, ele não era morto, mas ao mesmo tempo não tinha (...)”*(sic A). *“Não tinha e não tenho muitos amigos”* (sic C).

d) Sentimentos de insegurança: *“Afetou na minha auto estima, minha proteção, me sinto desprotegido, sozinho”*(sic B). *“É triste um pai nunca dizer que ama um filho”*(sic B).

e) Sentimentos de baixa estima: *“Acho que interferiu muito na minha auto estima também, sou um cara pouco persistente, já me considero fracassado, eu começo alguma coisa e quando começo e encontro dificuldades eu desisto porque acho que não tive alguém que pegou na minha mão e disse vamos lá, vai dar certo, é assim mesmo. Então nas dificuldades, já quero mudar, é difícil enfrentar”* (sic A).

f) Dificuldade de relacionamento: *“Acredito que fiquei mais prático e frio para alguns sentimentos. E, não sei dizer, mas posso fazer uma relação com a dificuldade de me relacionar com as pessoas.”* (sic C). *“Sinto dificuldade de me comunicar também, afetivamente.”* (sic B). *“Tenho dificuldades de relacionamento com pessoas, troquei de emprego várias vezes porque não gosto de ser criticado, mandado”*(sic C).

Os resultados encontrados corroboram a literatura sobre ausência paterna na infância e na adolescência, percebendo como as questões que são descritas referente à segurança, independência e estabilidade emocional permanecem sendo importantes na vida adulta (BENCZIK, 2011). Ainda, chama a atenção o fato de alguns dos participantes não se sentirem preparados para enfrentar os problemas do cotidiano, algo que já referia Lebovici (1987), relatando que ao contar com pais afetivos que lhe proporcionem apoio e proteção a criança conseguiria desenvolver estruturas psíquicas fortes e seguras para enfrentar as dificuldades da vida.

A pesquisa enfatizando a ausência paterna na vida dos filhos adultos também confirma outros aspectos de estudos referentes a estas fases de desenvolvimento (infância e adolescência) como o prejuízo na conquista da autoestima, da autonomia, da separação da mãe e na formação de novos vínculos (ARAÚJO, 2005; BENCZIK, 2011; CORNEAU, 1991; FELZENSWALB, 2003). Dessa forma, compreende-se que as questões relacionadas à ausência paterna que tem início na infância permanecem trazendo dificuldades quando os indivíduos chegam na idade adulta.

Na história de B, em especial, fica evidente a marca da violência, o seu pai estava presente fisicamente e distante afetivamente e agredia a sua mãe, ele e seus irmãos. Sobre isso ele diz: *“Interferiu no meu jeito de ser porque o que eu aprendi com ele foi dar a violência como resposta, minha forma de entendimento era essa e foi por alguns anos”*(sic)

Nos casos analisados é possível perceber que apesar das memórias negativas a respeito da figura paterna trazidas da infância e da adolescência, os participantes tinham expectativas de um pai participativo e amoroso que pudesse realizar atividades e passeios, estando preocupado com os seus cuidados e necessidades. Além disso, todos ainda nutrem um desejo de tê-lo por perto, o que pode ser visualizado na seguinte fala: *“seria bom ter a presença de um pai até para aprender a dirigir”*(sic C).

Dois deles, os que tiveram a privação do afeto, mas sempre conviveram com o pai, ainda fazem tentativas de estar perto deste ou pelo menos gostariam de fazê-lo. Em um dos casos as tentativas de aproximação se tornaram mais frequentes no momento em que o próprio participante também se tornou pai. *“Eu ainda fico triste, fico decepcionado porque até então fiz algumas tentativas de me aproximar. Quando vamos para Santa Rosa, eu sempre vou visitar ele. Para mim isso são tentativas.”*(sic A). *“Às vezes eu penso que ainda vou tentar conversar com ele”*(sic B).

Os dois participantes que tiveram a ausência física do pai não fazem tentativas de aproximação e nunca tiveram contato com seus pais. Percebe-se que não se sentem à vontade falando do assunto, pelo provável sofrimento que isso ainda desperta. Entretanto, tentam minimizar a importância do tema em suas vidas, dizendo que *“já faz tempo”*(sic) e evitando expressar qualquer sentimento, possivelmente como uma defesa contra o sofrimento que isso causa. Um deles repetiu inúmeras vezes que a mãe foi como um pai e que lhe deu tudo o que podia.

Nesses casos, fica claro que a tendência dos participantes principalmente os que tiveram a privação da ausência física e afetiva do pai de reprimir os sentimentos relacionados à falta do mesmo. Provavelmente isso se deva pela idade adulta ser vista como uma fase de estabilidade emocional e de poucas mudanças (OLIVEIRA, 2004). E por outro lado, pelo fato de admitir os sentimentos, pois isso signifique ter que fazer algo a respeito, visto que os dois participantes nunca tiveram contato com o pai biológico. Além disso, segundo Ferrari (1999),

a busca do pai pode parecer ao filho como uma traição a mãe, o que em um dos casos faz todo o sentido quando a mãe foi como um pai e fez tudo o que podia pelo filho.

Diferentemente deles os participantes que tiveram apenas a ausência afetiva, mas conviveram com o pai ao longo de suas vidas se sentiram no direito de expressar o sofrimento que essa falta lhes causou. Segundo Felzenswalb (2003), o afastamento do pai é quase sempre acompanhado de sofrimento emocional que pode se manifestar através de sentimentos de rejeição, perplexidade e incompreensão perante os motivos do distanciamento.

Em apenas um dos casos, o único em que a participante tem um padrasto, ela alega que não consegue elencar em que a presença paterna interferiu em sua vida, embora sinta que tenha tido alguma forma de interferência. Também relata não sentir falta do pai biológico e nem de ter criado expectativas acerca da figura paterna durante sua infância, adolescência e nem no seu momento de vida atual. Sobre isso, ela relata: *“Tenho certeza que ele não me faz falta afetiva hoje, uma porque nunca o tive então não sei o que é ter para sentir falta, e dois porque ganhei uma presença paterna com meu padrasto. O que sinto é que seguem comigo os mesmos questionamentos de uma vida toda, os porquês”*(sic D).

Nesse caso é possível perceber um discurso bastante racionalizado por parte da participante onde ela não pensa no assunto como um mecanismo de defesa e de proteção, reprimindo sentimentos para não sofrer, como já mencionado acima. Também surge como hipótese o fato da mãe ter contado poucos elementos sobre o relacionamento com o pai biológico, o que acarretou o desenvolvimento de muitos questionamentos acerca de sua história. Fica evidente que o silêncio da mãe a respeito do pai não impede que a participante tenha curiosidade a respeito dele, nesse caso a ausência paterna segue sendo vivenciada de forma inquietante mesmo na vida adulta. Isso fica evidente quando ela expõe: *“Voltei a pensar no assunto que por vezes deixo quieto em alguma gaveta do cérebro, e que talvez não saiba em que essa ausência interferiu por não procurar responder os meus porquês”*(sic).

A quebra de vínculo afetivo com o pai pode suscitar o medo pela precariedade de outras relações afetivas, é como se esse afastamento viesse acompanhado da ameaça de abandono da mãe e de novos relacionamentos (FELZENSWALB, 2003). Além disso, os fatores pessoais e psicológicos de confiança, autonomia, competência, auto-estima e esperança, que são provenientes de um ambiente contentor adequado são essenciais em qualquer estágio de desenvolvimento (AYLMER, 2001).

O relacionamento da criança com os pais é instaurado por um conjunto de sinais inatos do bebê, que demandam proximidade. Com o passar do tempo, um verdadeiro vínculo afetivo se desenvolve, garantido pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança, assim como pela consistência dos procedimentos de cuidado, pela sensibilidade e responsividade dos cuidadores. Por isso, um dos pressupostos básicos da teoria do apego é de que as primeiras relações de apego, estabelecidas na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida (BOWLBY, 1989).

O fato de um dos participantes não querer ter filhos também pode ser considerado uma das consequências da ausência paterna que repercutiu na vida dele. Nesse caso pode ser compreendido como o desejo de não querer transmitir para uma próxima geração os sentimentos negativos que vivenciou ao longo de sua vida.

#### **4.2. Categoria 2: Ausência Física X Ausência Afetiva**

Nesta categoria incluem-se os resultados referentes aos sentimentos e vivências decorrentes da ausência paterna física e afetiva. Na análise das entrevistas não identificam-se diferenças em relação a privação da presença física, por nunca conviveram com o pai e dos que tiveram privação da presença afetiva, tendo o pai por perto apenas fisicamente, uma vez que todos expressam sentimentos semelhantes de solidão e falta pela ausência do pai. Os adultos referiram ainda, revolta, desorganização e apenas um participante referiu compreensão perante a ausência.

A maioria dos participantes se referiu ao pai como não sendo um bom pai ou com características que não devem ser seguidas. A falta de diálogo e abertura para conversas, assim como a carência de afeto e ausência de preocupações com os filhos são as principais falhas apontadas por alguns desses participantes quando falam a respeito de seu pai.

*“Ele não liga pra ver como estou (...). Se eu precisar de cinco reais pra fazer alguma coisa, ele não tem, mas nem afetivamente pra perguntar como estou, quando viajo não pergunta se fui bem de viagem ou pra dizer se cuida, nada”(sic A). “Não tivemos nunca uma conversa profunda, só conversas banais”(sic B). “Coisas que a gente queria conversar com ele na adolescência nunca conversamos”(sic B). “Ele nunca quis me conhecer, passa por mim na rua e finge que não me conhece, faço o mesmo para não sofrer” (sic C). “(...) apenas sei quem é por morarmos na mesma cidade” (sic D).*

Em suas verbalizações também identificou-se o desejo de um pai mais carinhoso e afetivo. De modo geral, os pais não corresponderam às expectativas dos participantes em diferentes fases de suas vidas; entretanto aqueles que tiveram os pais presentes fisicamente, mas ausentes afetivamente ainda continuam fazendo tentativas de aproximação dos pais na fase adulta e se frustrando quando estas não saem da forma como esperavam.

Percebe-se que as expectativas em relação ao pai estão relacionadas às pequenas situações do cotidiano, manifestando desejo de vinculação. A expectativa pode se manifestar através do desejo de que o pai queira conhecê-los como no caso dos participantes que tem a privação da ausência física ou de pequenos gestos como no caso dos outros participantes:

*“Querida um pai que participasse, que me acompanhasse” (sic A). “Eu queria que ele fosse bem mais presente e me desse mais atenção e pudéssemos estar todos juntos, jogar futebol como os outros jogavam, mas isso não acontecia” (sic B). “Querida ter um pai que jogasse futebol comigo” (sic A).*

Ainda sobre a ausência, os participantes que ainda tem contato com o pai expressaram não esperar nenhuma atitude diferente da parte deste, enquanto aqueles que nunca tiveram contato com o pai relataram já ter elaborado o fato de nunca ter tido um pai. Entretanto, em ambos os casos isso pareceu muito mais uma forma de se proteger de novas frustrações do que uma verdade. *“ (...) já desisti” (sic C). “ (...) hoje já assimilei” (sic D).*

Percebe-se como fica evidente nos relatos também a idealização de outro tipo de família quando fazem uma comparação com famílias que tem uma figura paterna presente e participativa. Sobre isso, Felzenswalb (2003) diz que, o contato com outros exemplos de relação entre pais e filhos aumenta a incompreensão perante a ausência paterna. *“O pai dos outros era sempre melhor do que o meu, porque eu não tinha né. Quando a gente ia acampar, viajar era tudo o pai dos outros e não o meu. O pai de um que gostava de futebol e o outro que gostava de acampar, sempre assim” (sic A). “Vejo pelo meu irmão, que leva meu sobrinho no parque, da atenção, conversa com ele, ele é bem afetivo” (sic B).*

As habilidades interpessoais e a autoconfiança aparecem como importantes determinantes do comportamento paterno (LAMB, 1997). A capacidade que cada homem tem de exercer a paternidade também depende da sua própria autorização pessoal, que transita pela identificação com o próprio pai, bem como o seu desejo de descendência. Em contrapartida, para o filho, é muito importante contar não só com a presença física do pai, mas

sentir-se desejado e confirmado pelo pai, evidenciado a importância do mesmo para o seu desenvolvimento emocional (ROSA, 2004).

Por fim, fazendo uma comparação entre os participantes que tiveram uma privação de ausência física com os que tiveram a privação de ausência afetiva conclui-se que conviver com o pai quando não há afeto no relacionamento é capaz de gerar nos filhos os mesmos sentimentos de carência e falta de quem nunca manteve um relacionamento paterno. Dessa forma, nesse estudo não foram detectadas diferenças entre a ausência paterna física e afetiva na percepção de filhos adultos.

### 4.3. Categoria 3: Figura Substituta

Levando em consideração as falas sobre dinâmica familiar, compreende-se que os participantes buscaram durante sua infância e adolescência constantemente por uma figura substituta que pudesse vir a suprir as suas necessidades de afeto. Nesse caminho eles voltaram suas expectativas para familiares como avôs, tios, irmãos e pais de amigos. E em um único caso há um padrasto como figura substituta. *“Fui criado pelos avós paternos. Eram eles quem me alimentavam, me levavam para a escolinha. Nem a avó e nem o avô eram de dar tanto carinho (...)”*(Sic A). *“E o pai desses amigos meus que eram gêmeos se tornou meu segundo pai porque meus pais continuavam trabalhando demais”*(Sic A). *“Meu irmão, o terceiro mais velho, era bem legal, sempre cuidou de nós. Parecia um pai. Preparava nosso café, ia buscar nós no colégio, aí ele foi embora e ficou aquele vácuo.(...). Ele fez tudo o que o meu pai nunca fez.(...). Eu queria que ele fosse meu pai, mas ele é meu irmão, acho que é melhor ainda. Irmão não abandona”*(Sic B). *“Eu já tinha aquela convivência com os pais dos meus amigos e algumas coisas eu conversava com eles mesmo, era como se fossem o meu pai”*(Sic A). *“E meu avô era o exemplo mais forte que eu tinha, mais centralizador, boas ideias, todo mundo admirava e respeitava ele. Ele era uma pessoa que tinha uma liderança na família e era mais ou menos o que eu seguia”*(Sic C). *“Praticamente sempre teve alguém, seja na figura dos tios ou mesmo avô materno. Porém quando eu tinha 5 anos minha mãe namorava meu padrasto e aos meus 10 anos fomos morar juntos. Desde então ele é a presença constante na minha vida como figura paterna”*(Sic D).

Quando essas figuras não se mostram suficientemente satisfatórias fica evidenciada a sobrecarga materna, decorrente da ausência do pai e a mãe como principal figura substituta.

*“Olha, minha mãe, com ela minha relação sempre foi muito boa, ela sempre fez tudo por mim e continua fazendo até hoje”(Sic A). “Família somos eu e a minha mãe. Somos muito ligados (...)” (Sic C). “Minha mãe era pai e mãe (...)”(Sic D).*

Em algumas famílias a mãe e outros membros tentam compensar a ausência paterna superprotegendo o filho, o que pode contribuir para manter a relação de dependência. No caso do participante C fica evidente a superproteção da mãe na seguinte fala: *“Brigamos muito por ela querer controlar a minha vida, mas entendo, ela só tem a mim. Estou compreendendo isso, porém quero começar a fazer minhas escolhas sem culpa de magoá-la ou contradizê-la”.*

Nesse caso fica claro que o excesso de proximidade entre mãe e filho dificulta a conquista da autonomia do participante. Sobre isso, Felzenswalb (2003) explica que, o afastamento do pai provoca, necessariamente, uma mudança nas relações entre mães e filhos. A relação se torna mais próxima e intensa, visto que as mães passam a ter responsabilidade integral das vidas de seus filhos, porém este processo tem uma implicação para ambas as partes. Os padrões de interação gerados pelo excesso de proximidade podem tornar-se disfuncionais, com implicações relacionadas à individuação dos filhos e a hierarquia familiar.

No caso em que a participante tem a figura substitua do padrasto fica claro que enfrentou algumas dificuldades para dar início a um relacionamento com este, pois aceitá-lo também significaria substituir o seu pai biológico, mesmo que nunca tivesse tido contato com ele. Sobre isso ela afirma: *“Houve momentos tristes e difíceis, temos personalidades praticamente iguais o que gerava algumas brigas, além da fase que não aceitava alguns comandos típicos paternos, pois não queria admitir alguém que não era meu pai (biológico) mandar em mim. Com o amadurecimento nossa relação melhorou demais, hoje pode-se dizer que é quase perfeita.”(sic D).*

Existem evidências empíricas de que, se a figura paterna é ausente da vida dos filhos, há uma maior facilidade na constituição dos vínculos de afeto entre enteados e padrastos (PINTO e CHALHUB, 2011, TOMÉ e SCHERMANN, 2004). Dessa forma, as crianças que nutrem imagem negativa do pai biológico muitas vezes mostram-se receptivas a uma aproximação com o padrasto. (SARAIVA, 2013).

Na estruturação da família formada a partir de recasamento a passagem do tempo parece fundamental para a consolidação dos relacionamentos. Pesquisas têm enfatizado que o

sentimento de pertencimento pode levar de dois a cinco anos, período no qual a família se estrutura ou se desfaz (MCGOLDRICK e CARTER, 1995; SARAIVA, 2013).

#### **4.4. Categoria 4: Questões Transgeracionais da Ausência Paterna**

Uma questão significativa que merece destaque na fala dos participantes e também é apontado na literatura se refere à transgeracionalidade. Wagner (2005) destaca que é impossível tratar do tema de paternidade sem falar da origem, ou seja, da transgeracionalidade, visto que esta da conta da transmissão familiar, onde os padrões familiares se repetem de uma geração a outra, através de valores, crenças, mitos e segredos. Ficam evidentes as questões transgeracionais acerca da ausência paterna no discurso do participante B quando se refere ao pai de seu pai. *“É, meu relacionamento com meu pai foi distante na parte afetiva, mas não posso culpar ele porque o pai dele foi assim com ele também. Ele foi o melhor que ele podia ser. (...) Mas queria que meu pai fosse diferente comigo do que o pai dele foi com ele. Ele falava que o pai dele batia nele pra caramba, uma vez quando ele apanhou na escola e contou para o pai dele, ele achou que o pai dele ia fazer alguma coisa por ele, mas o pai dele bateu nele de novo, pra ele aprender a ser homem, na marra”*.

Nessa última fala pode-se perceber a questão transgeracional da violência que também perpassa gerações nessa família. Pais que foram criados de forma severa e que sofriam punições físicas podem desenvolver um modelo disciplinar corporal e coercitivo que justifique a criação dos filhos a educação dispensada a eles, dando continuidade a violência como um modelo. É dessa maneira que se mantém o ciclo da violência, aonde o indivíduo tratado de modo agressivo ao longo de sua vida tende a utilizar os mesmos métodos com seus filhos (CECCONELLO, DE ANTONI e KOLLER, 2003).

Nessa categoria surge no discurso dos participantes uma preocupação significativa em reformular o modelo de paternidade vivenciado em suas famílias ao invés de simplesmente o reproduzirem. O modo como o pai enxerga a sua criação por parte do seu próprio pai é essencial para a constituição de seu ideal de paternidade (SILVA e PICCININI, 2003; STAUDT e WAGNER, 2008). Dessa forma, fica explícita em algumas falas a necessidade de ser um bom pai: *“Eu não quero ser o pai que eu tive, ou que eu não tive. Eu quero estar o mais presente possível com minha filha. Então a expectativa é fazer tudo aquilo*

*que eu não tive, não deixando ela sozinha, mostrando que ela tem um pai”(sic A). “Eu vou tentar ser diferente do que ele foi, bem diferente. Fazer tudo oposto do que ele fez para eu ter uma família melhor (...). Tenho desejo de ser pai um dia. Eu penso em como seria um dia chegar em casa depois de um dia difícil e encontrar o meu filho ali sorrindo pra mim, imagino que isso já te de uma motivação enorme, aquele amor que o teu filho te passa”(sic B). “Adoro criança e não me imagino sem filhos. Penso sempre em quem será o escolhido para ser o pai para corresponder as minhas expectativas de querer ser o mais presente possível na criação dos filhos, mesmo que para isso seja necessário tardar a maternidade ou optar por apenas um filho”(sic D).*

O único participante que já tem uma filha demonstra uma postura bem diferente na criação desta e uma preocupação em ter um cuidado diferenciado. *“Vejo que sou bem afetivo com minha filha hoje, a falta que eu senti eu não quero que ela sinta. Quando eu viajo e volto para casa eu quero ficar muito perto da minha filha, eu fico olhando bastante para ela, não quero que ela me esqueça, tenho medo, quero que ela me reconheça” (sic A).*

Em um único caso um participante questionado sobre suas expectativas em relação ao exercício de paternidade revela que não pretende ter filhos. Nesse caso o participante revelou muito ressentimento em relação à postura de seu pai, se emocionou em alguns momentos, mas tentou disfarçar quando alguns sentimentos afloraram.

De acordo com Bornholdt e Wagner (2005), as experiências como filho, são parâmetros e dão forma às expectativas como pai. O filho, por sua vez, pode representar a construção de vínculos de intimidade e proximidade, que muitas vezes faltou ao pai na sua própria história. Assim, se constrói uma nova matriz familiar, instalando dois movimentos complementares neste exercício de ser pai, um que diz respeito ao pai da infância e outro dele próprio enquanto pai. Compreende-se então, a importância dos aspectos transgeracionais como um fenômeno inevitável para comportamentos que emergem neste momento de vida dos homens.

Gomes e Resende (2004) pontuam que não há uma construção linear de paternidade, pois na perspectiva da transgeracionalidade o modelo tradicional vai se desarticulando quando o homem se torna pai, se este permitir-se reviver no papel paterno a relação com o pai da infância, ressignificando a sua experiência, através de um encontro entre os sentimentos antigos com os atuais.

Muitos homens estabelecem objetivos que dependem das memórias da sua infância, escolhendo, ora compensar as deficiências dos seus próprios pais, ora emulá-las. (LAMB, 1986). Assim, as próprias expectativas individuais sobre o papel de pai podem ter a força de profecias que se auto-realizam, carregando implicações importantes para o desenvolvimento e a mudança pessoal. (NSAMENANG e LAMB, 1995).

Dessa forma, deve-se levar em conta que, para que o acontecimento traumático continue a exercer um papel importante no presente, é preciso que o comportamento mantido tenha uma função e um sentido no contexto no qual ele se perpetua. A partir desta premissa surge a possibilidade de que os sujeitos possam fazer uma opção diferente do que desejam para suas vidas, uma vez que a experiência passada, embora frequentemente repetida, pode ser modificada no futuro quando o adulto a partir da compreensão de sua história consegue alcançar uma posição diferenciada, construindo uma realidade diferente para si. (FALCKE e WAGNER, 2005).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A influência da ausência paterna durante o desenvolvimento de um filho é um tema rico e complexo que desperta muito interesse na atualidade principalmente devido às modificações que as famílias vêm sofrendo, em que se observa cada vez mais a ausência do pai. Compreende-se que o desenvolvimento pleno e saudável dos filhos será facilitado pela efetiva e contínua participação tanto da mãe como do pai em sua vida oferecendo apoio e segurança.

Trabalhar com a temática da ausência paterna, especificamente na vida adulta, não é uma tarefa fácil. A literatura revela escassez de estudos sobre a percepção de filhos adultos acerca da ausência paterna, sendo esta uma das dificuldades encontradas para a execução do trabalho. Pode-se pensar que uma das possíveis causas para isso seja a despreocupação com estes aspectos quando os sujeitos que sofrem a privação paterna atingem a idade adulta.

Neste estudo foram contemplados quatro casos nos quais dois adultos tiveram ausência física do pai por abandono, tendo posteriormente em um caso uma família monoparental e no outro uma família recasada com um padrasto. Os demais casos investigados contemplam a ausência afetiva em que os participantes sempre conviveram com o pai.

O estudo confirma que os adultos se ressentem, e muito, da ausência do pai e que a percepção da ausência se manifesta como carência afetiva de um pai. O impacto desse distanciamento, seja ele físico e/ou afetivo, reflete em sentimentos de desvalorização, abandono, solidão, insegurança, baixa estima e dificuldades de relacionamento que começam a ser percebidos na infância e continuam interferindo na trajetória de desenvolvimento na idade adulta.

Compreende-se que as diversas razões da ausência paterna podem ser diferentemente percebidas pelos filhos e repercutem de diferentes formas em seu desenvolvimento. Por isso a importância de levar em consideração também outros fatores quando se trata desse tema como, por exemplo, os recursos individuais do filho, o manejo dos membros da família, os recursos emocionais da mãe e a presença de uma rede social com que possam contar.

O presente estudo destaca a importância de ampliação de investigações, de diferentes métodos e delineamentos, a fim de fomentar novas reflexões acerca do tema. Com isso, espera-se contribuir com a clínica psicológica a fim de melhor compreender os conflitos relativos a esta temática, bem como realizar uma escuta ativa e continente dos pacientes adultos em suas relações familiares.

## 6. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. A paternidade. In: ABERASTURY, Arminda; SALAS, Eduardo. (Eds). **Paternidade: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, 2ª edição.

ARAÚJO, Sandra Maria Baccara. **A ausência da função paterna no contexto da violência juvenil**. 2005. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000082005000200006](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200006)> Acesso em 03/05/2014.

AYLMER, Robert. O lançamento do jovem adulto solteiro. In: CARTER, Betty & MCGOLDRICK, Monica (Org). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. P. 169-183.

BASTOS, Ana Cecília de Sousa; ALCANTARA, Miriã Alves Ramos; FERREIRA-SANTOS, José Eduardo. Novas famílias urbanas. In: LORDELO, Eulina da Rocha; CARVALHO, Ana Maria Almeida; KOLLER, Silvia Helena (Orgs.), **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 99-135.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil**. Revista Psicopedagogia, v. 28 (84), p. 67-75, 2011.

BORNHOLDT, Ellen & WAGNER, Adriana. A gravidez à luz da perspectiva paterna: aspectos relativos à transgeracionalidade. In: WAGNER, Adriana (org.). **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005, p. 81-92.

BOWLBY, John. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CECCONELLO, Alessandra Marques; DE ANTONI, Clarissa & KOLLER, Silvia Helena. **Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar**. Psicologia em Estudo, Maringá, n.8, p. 45-54, 2003.

CIA, Fabiana; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; AIELLO, Ana Lúcia Rossito. **Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura**. v. 9 (2), p. 83-91, 2005.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente: o que aconteceu com os homens?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

DINIZ NETO, Orestes; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Psicoterapia de casal na pós modernidade: rupturas e possibilidades**. Estudos de Psicologia, v. 22 (2), pp.133-141, 2005.

EIZIRIK, Mariana; BERGMANN, David Simon. **Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso**. Revista de Psiquiatria, v.26 (3), pp. 330-336, 2004.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, Adriana (org.). **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005, p. 25-46.

FELZENSZWALB, Miriam. **Partenogênese: os efeitos da exclusão do pai no desenvolvimento da personalidade e na dinâmica familiar.** Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Medicina Social, Universidade do Rio de Janeiro, 2003.

FERRARI, Jorge Luis. *Por que es importante el padre?* In: FERRARI, Jorge Luis. **Ser padre en el tercer milênio.** Mendoza: Ediciones Del Canto Rodado, 1999.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa: Coleção Pesquisa Qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLECK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. **A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar.** Psicologia em Estudo v. 8, p.31-38, 2003.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. **O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.20 (2), p. 119-125, 2004.

LAMB, M.E. *The role of the father in child development.* In: SGANZERLA, Ilciane Maria e LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. **A percepção de adolescentes do sexo feminino em avaliação para psicoterapia acerca da ausência paterna temporária.** 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2009.

\_\_\_\_\_. *The father's role: applied perspectives.* In: BALANCHO, Leonor Segurado Falé. **Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade.** Análise Psicológica, 377-386, 2004.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEBOVICI, Serge. **O bebê, a mãe e o psicanalista.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MUZA, Gilson Maestrini. Da proteção generosa à vítima do vazio. In: SILVEIRA, Paulo (org.). **Exercício da paternidade.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

NSAMEMANG, A.; LAMB, M. *Acquisition of socio-cognitive competence.* In: BALANCHO, Leonor Segurado Falé. **Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade.** Análise Psicológica, 377-386, 2004.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Algumas questões sobre a psicologia do adulto.** São Paulo, v.30, n.2, p.211-229, 2004.

PETRINI, João Carlos. **Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia.** 2005. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/artigos08/petrini01.htm>>. Acesso em 08.05.2014.

PINTO, Wilma Eduardo Alves & CHALHUB, Anderson. **Família e Contemporaneidade: o exercício da paternidade na família reconstituída.** 2011. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0221.pdf>>. Acesso em 05.11.2014.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória: procedimentos metodológicos para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública.** Revista de Saúde Pública, v.29(4), p.318-325, 1995.

REY, Fernando Luís González. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia. Caminhos e Desafios.** São Paulo: Pioneira, 2002.

ROSA, L.W. A questão do pai na adolescência. In: GRAÑA, Roberto & PIVA, Ângela (org.). **A atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 173-180.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SAPIENZA, Graziela; PEDROMÔNICO, Márcia Regina Marcondes. **Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente**. *Psicologia em Estudo*, 10 (2), p. 209-216, 2005.

SARAIVA, Camille Andrade. **Ser padrasto em famílias recompostas: os desafios da pluriparentalidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SGANZERLA, Ilciane Maria; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. **Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura**. *Psicologia em Revista*, 16 (2), 2010.

SILVA, Milena Rosa; PICCININI, Cesar Augusto. **Sentimentos sobre a paternidade e envolvimento de pais que residem e pais que não residem com seus filhos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. **Novos tempos, novos pais? O ser pai na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TOMÉ, Graciella Léus; SCHERMANN, Lígia. **Padrasto, o novo pai: nova postura parental**. Aletheia. Canoas, n. 19, 2004.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: Definições, diferenças e seus objetos de pesquisa**. *Revista de Saúde Pública*, 39, p.507-514, 2005.

VICTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde. Uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

WAGNER, Adriana. **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

WAGNER, Adriana; PREDEBON, Juliana; MOSMANN, Clarisse; VERZA, Fabiana. **Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), p.181-186, 2005.

WINNICOTT, Donald. A tendência antissocial. In: WINNICOTT, Donald (Ed.). **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

